

TEMA LIVRE

MARCADORES CONVERSACIONAIS DAS LÍNGUAS PORTUGUESA E ESPANHOLA: UM ESTUDO COMPARATIVO E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

MARCADORES DEL DISCURSO DE LAS LENGUAS PORTUGUESA Y ESPAÑOLA: UN ESTUDIO COMPARATIVO Y CONTRIBUCIONES PARA LA ENSEÑANZA/ APRENDIZAJE DE LENGUAS

Valeska Gracioso Carlos*

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral analisar os Marcadores Conversacionais (MCs) em entrevistas orais em Língua Portuguesa e Língua Espanhola, e como objetivo específico comparar seus usos no texto oral. Justificamos nossa pesquisa na medida em que os MCs são ferramentas essenciais à interação e podem ser considerados como estratégias de competência linguística e conversacional, seja em Língua Materna ou em Língua Estrangeira. Para apoiarmos, tomamos como referencial teórico os estudos relativos à Língua Falada (HILGERT, 1989; CASTILHO, 1990, 1998; GALEMBECK 1999, 2006; CHAVES, 2002; PRETI, 2001; MARCUSCHI, 2001), os estudos sobre os Marcadores Conversacionais (MARCUSCHI, 1989; URBANO, 1993; GALEMBECK e CARVALHO, 1997) e os estudos comparativos referentes à aquisição de Língua Espanhola (GONÇALVES, 2006; YAO, 2008). Nosso estudo comparativo aponta para semelhança no uso dos Marcadores Conversacionais nas duas línguas. Além disso, nos mostra que os marcadores são essenciais para adquirir a competência oral no idioma estrangeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Falada. Marcadores Conversacionais. Aquisição de Língua Espanhola.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo general analizar los Marcadores del Discurso (MDs) en entrevistas orales en Lengua Portuguesa y Lengua Española, y con

* Doutoranda na Universidade Estadual de Londrina – UEL. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. Email: vgracioso@uol.com.br.

objetivo específico comparar sus usos en el texto oral. Justificamos nuestro estudio una vez que los MDs son herramientas esenciales a la interacción y pueden ser considerados como estrategias de competencia lingüística y conversacional, sea en Lengua Materna o en Lengua Extranjera. Para sujetarnos, tomamos como referencia teórica los estudios relativos a Lengua Hablada (HILGERT, 1989; CASTILHO, 1990, 1998; GALEMBECK 1999, 2006; CHAVES, 2002; PRETI, 2001; MARCUSCHI, 2001), los estudios sobre los Marcadores del Discurso (MARCUSCHI, 1989; URBANO, 1993; GALEMBECK e CARVALHO, 1997) y los estudios comparativos referentes a la adquisición de Lengua Española. Nuestro estudio comparativo apunta para semejanza en el uso de los Marcadores del Discurso en las dos lenguas. Además, nos muestra que los marcadores son esenciales para adquirir la competencia oral en el idioma extranjero.

PALABRAS-CLAVE: Lengua hablada. Marcadores del discurso. Adquisición de Lengua Española.

INTRODUÇÃO

Muitos estudos têm sido realizados no Brasil no que diz respeito aos Marcadores Conversacionais (MCs)¹, no entanto, pouco se tem discutido com relação ao que isso possa influenciar o ensino/aprendizagem de Língua Estrangeira (LE). Conforme Gonçalves (2006),

A relação entre marcadores conversacionais e aquisição/aprendizagem de línguas não tem sido um grande foco de pesquisa. Em geral, os pesquisadores se dedicam a processos de aquisição/aprendizagem de outras categorias da língua(gem) ou, no caso dos marcadores, aos tipos, funções e posições dos marcadores em língua materna. (GONÇALVES, 2006, p. 111)

Ainda, conforme a autora, poucos estudos específicos são encontrados na área.

Desta forma, acreditamos que se fazem necessários estudos comparativos dos MCs em português e em espanhol com o objetivo de enfatizar a importância de se conhecer o uso desses instrumentos na medida em que são essenciais para a aquisição da competência oral em ambas as línguas. Consequentemente, torna-se relevante analisar possíveis erros e estratégias usadas para a comunicação em Língua Estrangeira.

No caso da aquisição/aprendizagem da Língua Espanhola, conhecer os MCs típicos da língua pode auxiliar o aluno de maneira mais adequada a produzir oralidade na língua alvo. O conhecimento dos Mcs também pode nos apontar o nível de fluência de um falante em Língua Estrangeira. Portanto, é interessante que saibamos como o processo de uso dos MCs se dá em Língua Materna (LM) e compará-lo com seu uso na Língua Estrangeira. Uma das razões na qual nos apoiamos é o fato de que o aluno ao produzir enunciados em LE traz consigo, inevitavelmente, traços de sua LM. Assim,

¹ Alguns autores preferem a denominação de Marcadores Discursivos, como por exemplo, o Prof. Ataliba de Castilho.

os aprendizes principiantes de Língua Espanhola tendem a usar os MCs de sua LM ao se comunicarem na língua alvo pela falta de conhecimento dos mesmos. Ademais, conhecer os MCs da LE faz com que haja cooperação entre os falantes aprendizes e nativos do idioma e que se criem estratégias que garantam a interação entre eles.

Conforme Yao (2008), em seu estudo comparativo de MCs do espanhol e do mandarim, os aprendizes principiantes dos dois idiomas usam os marcadores quando falam suas línguas maternas, no entanto, quando têm que se comunicar com nativos em Língua Estrangeira tendem a não usar os marcadores. Neste caso, os alunos costumam ficar sem responder ou sem nenhuma reação durante algum tempo. Ainda, segundo o autor, conhecer os MCs constitui um meio essencial para melhorar a competência comunicativa.

Dessa maneira, temos como objetivo geral descrever os MCs mais recorrentes nas conversações em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola, e como objetivo específico comparar seus usos no texto oral. Temos ainda como meta detectar se há correspondência entre os MCs das línguas comparadas, e caso não haja MCs correspondentes, esses devem ser estudados com uma maior dedicação, sendo substituídos por outros, que sejam equivalentes, para que a interação em LE seja efetiva.

Ressaltamos que estudos em Língua Falada são importantes para a compreensão da natureza da interação humana e oferecem subsídios para a análise de MCs no processo de aprendizagem de LE e no desenvolvimento das competências conversacionais.

LÍNGUA FALADA

Por muito tempo, os estudos linguísticos estiveram voltados para a língua escrita, pois esta era considerada a modalidade “correta”. Já a fala era vista como o lugar do caos, do erro e da desestruturação.

Hoje sabemos que não podemos comparar fala e escrita em termos de superioridade ou inferioridade, pois ambas possuem características muito semelhantes, o que dificulta, muitas vezes, a distinção das mesmas. Ambas são dialógicas, voltadas para o outro e possuem dimensão interacional. Conforme Fávero et al (1999, p. 69), “ambas se diferem nos seus modos de aquisição; nas suas condições de produção, transmissão e recepção; nos meios através dos quais os elementos de estrutura são organizados”. Logo, fala e escrita devem ser compreendidas como práticas sociais e interacionais complementares.

Devemos também levar em consideração que aprendemos a falar antes de escrever, além do mais todos os humanos, salvo algum problema físico, aprende de maneira natural a falar e não necessariamente a escrever, uma vez que a fala adquirimos nas relações sociais e dialógicas que se dão desde o momento de nosso nascimento, enquanto a escrita é adquirida em contextos formais, como por exemplo, na escola. Contudo, temos que ter claramente que a escrita está ligada ao acesso ao conhecimento e ao poder.

De acordo com Marcuschi (2001), a escrita:

[...] *se tornou* um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja

nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de modo geral. Por isso, friso que ela *se tornou* indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um *status* mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. (MARCUSCHI, 2001, p. 16-17, grifo do autor).

No entanto, ainda segundo o autor, “oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”. (MARCUSCHI 2001, p. 17).

A produção da língua escrita ocorre de maneira lenta, no isolamento, com a possibilidade de planejamento, organização, escolha gramatical e lexical e correções prévias, ademais o acesso às reações do leitor são posteriores.

Na língua oral a produção, o planejamento, a organização, as escolhas lexicais e gramaticais, assim como o envolvimento entre os interlocutores se dão de imediato. Desta forma, a produção da Língua Falada é rápida, não havendo espaço temporal para o planejamento e organização das ideias ou correções, ou seja, não há tempo para todo aquele trabalho prévio que existe na escrita. Devido a essa rapidez de produção, a língua falada tem como características as repetições, as pausas, as hesitações, as autocorre-

ções, além do predomínio de frases curtas e do uso de uma gramática e vocabulário simplificados. Outra característica de extrema relevância na fala é a presença dos interlocutores durante o momento de interação e, como consequência, a construção do enunciado se desenvolve ao mesmo tempo em que se desenvolve a comunicação. Segundo Rodrigues (2001, p. 20), “o texto é resultado de um trabalho cooperativo dos dois interlocutores, que o vão acompanhando à medida que a conversa se realiza. Assim, planejamento e realização do discurso coincidem no eixo temporal, ou são praticamente concomitantes”. Assim, dentro dessa interação oral um interlocutor pode mudar todo o seu planejamento por solicitação de outro interlocutor. (Campos, 1989).

Ainda com relação ao aspecto interacional, a autora afirma que “na língua oral o falante utiliza-se do processo de monitoração de sua fala, dirigindo-a através dos marcadores conversacionais, que são formas linguísticas através das quais o falante procura interagir com seu companheiro de fala, seja ele falante ou ouvinte”. (Campos, 1989, p. 208).

No Brasil, os estudos em Língua Falada começaram em 1968, com o projeto Norma Urbana Culta (NURC). O projeto representou uma mudança no rumo das pesquisas dialetológicas até então desenvolvidas no país, pois pela primeira vez o foco de estudo da língua falada deixou de privilegiar as pequenas comunidades e o falar rural, transpondo-se para a linguagem padrão das grandes comunidades urbanas. A partir da década de 1980, muitos trabalhos começaram a ser desenvolvidos com relação

à Língua Falada, principalmente no que se refere ao ensino de língua materna e mudança no cenário educacional brasileiro, dentre os quais podemos citar Fávero et al (1999) e Castilho (1998).

MARCADORES CONVERSACIONAIS

Como mencionado anteriormente, os Marcadores Conversacionais (MCs) são característico da Língua Falada e fundamentais para a conversação na medida em que demonstram interação e compreensão por parte dos interlocutores.

De acordo com Gonçalves,

[...] analisar os marcadores conversacionais significa compreender que a conversação traz em si todas as noções de cooperação e, por tanto, de interação. Através desses elementos podemos observar como os interlocutores negociam entre si, como protegem suas faces, como elaboram seus pensamentos, como reagem ao que ouvem, que intenções apresentam durante o ato; enfim, é descobrir um pouco como se organiza, em termos de planejamento, o texto falado e como é levado a cabo pelos envolvidos. (GONÇALVES, 2000, p. 73, *apud* GONÇALVES, 2006).

Assim sendo, os MCs têm um papel fundamental nos estudos de Língua Falada, pois refletem a necessidade de cooperação entre os participantes durante o ato discursivo.

Podemos dividir os MCs entre os que organizam e estruturam o texto e os que organizam e estruturam a interação entre

os interlocutores. Os que organizam o discurso podem apresentar as funções de introdução, sequenciamento, retomada e fechamento de tópico. Já os que organizam a interação buscam a aprovação discursiva ou manifestam a atenção dada à fala do outro.

De acordo com Rodrigues (2001), os Marcadores Conversacionais são sinais de entendimento. “No decorrer do diálogo, os falantes estão sempre mostrando que compreendem a fala de seu interlocutor, assinalando que ele pode continuar falando como até então vinha fazendo porque o ouvinte se sente em sintonia com o que está ouvindo”. (RODRIGUES, 2001, p. 24).

Para Urbano (1993), “trata-se de elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão”. (URBANO, 1993, p. 81). Ainda segundo o autor, os MCs são definidos como elementos típicos da fala, caracterizados pela grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomacidade e significação discursivo-interacional, não integrando propriamente o conteúdo cognitivo do texto, mas, na realidade, ajudam a construir a coerência e a coesão do texto falado.

Quanto à posição dos MCs nos turnos, podemos classificá-los como: a) iniciais, que caracterizam o início ou a tomada do turno; b) mediais, que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno; e c) finais, que assinalam a passagem do turno.

Em relação ao aspecto formal, os MCs podem ser divididos em marcadores

linguísticos e não linguísticos. Os primeiros são de duas naturezas, os verbais que podem ser lexicalizados (sabe?, eu acho que) e os não lexicalizados (ah; hum; eh) e os prosódicos que são a pausa, a entonação, o alongamento, a mudança de ritmo e altura da voz. Os marcadores não linguísticos são o olhar, o riso, os gestos e os movimentos com a cabeça. Ainda que os MCs careçam de conteúdo semântico, devemos levar em conta que são essenciais para que o falante teste o grau de atenção e participação do seu interlocutor. (Urbano, 1993).

Como a interação na Língua Falada é dada de maneira dialógica e local podemos afirmar que os MCs “são produzidos por duas fontes ligadas diretamente ao mecanismo da troca, que tem como condição mínima uma mudança de turno e dois interactantes”. (Marcuschi, 1989, p. 289). Deste modo, temos MCs produzidos pelos falantes, que servem para sustentar o turno, organizar pensamentos, enquanto as MCs produzidas pelos ouvintes têm a finalidade de aprovação, concordância, manutenção ou não do tópico.

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Para a realização deste trabalho, empregamos gravações utilizadas para uma pesquisa anterior sobre Atitudes Linguísticas na Fronteira do Brasil com dois países de Língua Espanhola: Paraguai e Argentina. O *corpus* consta de entrevistas orais e gravadas, realizadas com brasileiros da cidade de Guairá, que faz fronteira com a cidade de Salto de Guairá, no Paraguai, e com argentinos da cidade de Bernardo de Irigoyen, que

faz fronteira com duas cidades brasileiras: Barracão, no estado do Paraná, e Dionísio Cerqueira, no estado de Santa Catarina. As gravações compreendem apenas um tipo de entrevista, ou seja, as gravações foram feitas do diálogo entre um informante e um documentador.

As entrevistas foram transcritas para que selecionássemos os MCs mais recorrentes nas falas gravadas, para um posterior estudo comparativo. Ao todo, tivemos 8 informantes brasileiros e 8 informantes argentinos, sendo divididos igualmente entre homens e mulheres.

Ainda, no que se refere às entrevistas, podemos afirmar que elas compõem-se de diálogos assimétricos, ou seja, diálogos entre um informante e um documentador. Nesse tipo de diálogo, um dos participantes direciona a conversão, tem o direito de começá-la, orientá-la e concluí-la.

Neste estudo, não nos ateremos a analisar profundamente os aspectos formais, semânticos, sintáticos, ou mesmo as funções e posições dos MCs no ato comunicativo, pois o que nos interessa é comparar o uso dos MCs nas línguas em questão.

Para que não houvesse influências de uma língua na outra usamos apenas os MCs utilizados pelos informantes e desprezamos os usados pelo inquiridor. Desta forma, também não levaremos em consideração os MCs produzidos pelos ouvintes.

A seguir, apresentamos os MCs mais recorrentes nas entrevistas realizadas em Língua Portuguesa e os correspondentes encontrados nas entrevistas em Língua Espanhola.

Português	Espanhol
Aham	Aham
Ahn	Ahn
Aí	Ahí
Bom	Bueno
Eh	Ih
Então	Entonces
eu acho/ eu acredito	yo creo/
Mas	Pero
me parece	me parece
não?	¿no?
né?	
Olha	Mira
Sabe?	¿Sabe(s)?
Uhn	Uhn

A partir da comparação entre os dois idiomas, podemos perceber que não há diferenças significativas quanto ao uso dos MCs por nossos informantes em língua oral. Talvez seja pelo fato de que as línguas em questão são línguas irmãs, possuindo, assim, muitas semelhanças, inclusive na oralidade.

Como podemos notar em Língua Portuguesa, o único MC para o qual não conseguimos o devido correspondente em Língua Espanhola foi o [né?]. Acreditamos que essa incidência seja devido ao MC [né?] ser uma contração de [não é?], o que não ocorre na Língua Espanhola. Por isso, devemos ter um cuidado especial com esse MC, pois não existindo em espanhol e sendo um dos mais recorrentes em português, poderá causar uma interferência na comunicação. Desta forma, devemos encontrar maneiras para

que seja substituído por algum MC equivalente em Língua Espanhola para que não venha a ser fossilizado como um erro na fala de aprendizes da língua. Conforme Gonçalves (2006, p. 114), “se o professor adverte (o aluno) sobre o erro, ele tenderá a corrigi-lo e memorizar a forma correta, caso essa correção não se realize, a tendência é de que ele memorize e repita o erro”. Uma alternativa para o MC [né?], que é um marcador tipicamente brasileiro, seria substituí-lo por [¿no?] da Língua Espanhola.

Para ilustrar, abaixo trazemos os MCs mais recorrentes nas entrevistas de Língua Espanhola e os correspondentes encontrados nas entrevistas em Língua Portuguesa.

Espanhol	Português
¿entiendes?	entende?
¿no?	não
Ahí	Aí
Ahn	Ahn
Bueno	Bom
Entonces	então
Ih	Eh
me parece	me parece
Mira	Olha
o sea	ou seja
pero	Mas
por ejemplo	por exemplo
por supuesto	Claro, certamente
Sí	Sim
yo creo	eu acho/ eu creio

Por meio dos dados confirmamos que não há diferenças significativas entre os marcadores de ambas as línguas, entretanto ressaltamos a importância em se adicionar o estudo dos MCs ao conteúdo das aulas de Língua Estrangeira como uma ferramenta válida para a aquisição da competência comunicativa.

Outro dado que devemos levar em consideração é que os dados obtidos foram entrevistas orais do português brasileiro da região sul do Brasil e da região fronteira da Argentina. Assim sendo, acreditamos que se as localidades escolhidas fossem outros países como, por exemplo, Portugal ou Angola para a Língua Portuguesa e Colômbia ou Espanha para a Língua Espanhola, talvez nos deparássemos com MCs diferentes dos encontrados em nosso *corpus*. Talvez não precisaríamos ir tão longe ou a outros países para encontrar diferentes MCs, pois sabemos que a variação linguística está presente em toda extensão do nosso país, o que poderia acarretar dados divergentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após nossa revisão bibliográfica e análise dos dados aqui expostos, algumas considerações se fazem necessárias.

Além do contato linguístico diário das Línguas Portuguesa e Espanhola nas cidades fronteiriças na região sul do Brasil, devemos ressaltar que esse contato também é histórico, cujos primórdios estão na Península Ibérica. Assim, essas duas línguas cristalizaram historicamente formas sintáticas, semânticas, morfológicas, fonéticas e lexicais muito próximas, o que contribui

para as semelhanças encontradas nos MCs de nossa breve pesquisa comparativa das línguas em questão.

Nosso estudo teve a intenção de evidenciar a importância do uso correto dos Marcadores Conversacionais em Língua Estrangeira, em nosso caso a Língua Espanhola. Essa relevância se dá à medida que os MCs são essenciais para a interação oral. Segundo Yao (2008, p. 127), “el uso correcto de ellos, además de expresar ideas claras, cumplen otras dos funciones básicas, sobre todo en la lengua coloquial: mantienen la fluidez del hablante y el contacto comunicativo, o sea, la interacción entre los interlocutores”.

Portanto, é dever do professor orientar o aluno para a situação comunicativa, dar-lhe subsídios para que possa utilizar os MCs corretamente na LE que está aprendendo, sobretudo, corrigi-lo quando necessário para que o erro não seja recorrente em sua fala e posteriormente venha a ser fossilizado.

Outros estudos seriam indispensáveis para que pudéssemos avaliar e analisar os erros e as estratégias usadas pelos aprendizes de Língua Espanhola no que concerne os Marcadores Conversacionais.

Nosso estudo comparativo aponta para a semelhança de uso entre os MCs das duas línguas em questão. No entanto, este fato deve ser analisado cuidadosamente e estudos mais profundos devem ser realizados com relação aos MCs da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino do português**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. (Org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 1989.

CHAVES, A. P. **Manifestações da língua falada em narrativas escolares**. Dissertação de Mestrado. UNESP, Araraquara, 2002.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. da C. V. de O.; AQUINO, Z. G. O. de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GALEMBECK, P. de T.; CARVALHO; K. A. **Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo**. Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo) São Paulo, p. 830-848, 1997.

_____. **Metodologia de pesquisa em português falado**. I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa, 1999.

GONÇALVES, E. **Marcadores conversacionais na interlíngua de aprendizes de espanhol no Brasil**. Tese de Doutorado. USP: São Paulo, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 1989. p. 281-321.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, O. G. L. A. de S. C. **A língua falada: características gerais**. Publicação do curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Ano III, N.º 1. UNESP – Campus de Araraquara, 1989.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 5. ed.

São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP. 2001. p. 81-101.

_____; PRETI, Dino (Org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. V. I: Elocuções formais. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986.

YAO, J. **Estudio Comparativo de los Marcadores del Discurso en Español y en Chino Mandarín a través de diálogos cinematográficos**. Tesis de Doctoramiento. Universidad de Valladolid, 2008.

Recebido para publicação em 20 jul. 2012.

Aceito para publicação em 22 dez. 2012.